

Aristóteles Drummond

A história vence a mentira

Vivemos estes anos de tal radicalização mundial que a verdade varia ao sabor dos ódios ou paixões, quase sempre irracionais.

No caso brasileiro, o absurdo maior pode ser o questionamento do resultado eleitoral de 2022. Bolsonaro pode ter sido prejudicado na campanha como reação à coleção de atritos que provocou ao longo do mandato. Mas construiu a derrota, que foi por pouco, pois fez bom governo. Nas máquinas, perdeu, inclusive com auditoria de técnicos das Forças Armadas. As mesmas máquinas elegeram todos os governadores dos estados ricos e deu maioria ao centro democrático e à direita populista no Congresso Nacional.

Dentro desta cultura de paixões e ressentimentos, ganha espaço – e financiamento – filmes de boa qualidade com mensagem de ódio aos 21 anos de regime autoritário que vivemos em ordem e progresso. Um exagero desmedido a reação das polícias aos grupos armados que sequestravam, assaltavam e executavam adversários ou inocentes, como os militares estrangeiros

de passagem pelo Brasil. Um deles, um alemão, os executores reconheceram ter sido por engano. Claro que houve exageros lamentáveis e condenáveis. Mas foi depois do regime que estados governados pela oposição aos militares em São Paulo e no Pará que ocorreram barbaridades, como Carandiru e Eldorado dos Carajás, embora neste último os policiais tenham sido atacados e reagiram talvez em excesso. Este tipo de violência policial não é privativo de governos fortes. Nem aqui nem em nenhuma parte do mundo.

Curioso que neste massacre no Irã, onde mulheres são tratadas como seres inferiores, numa ditadura violenta, o silêncio das esquerdas impressiona, assim como a maneira disfarçada com que se condena a ação de resgate econômico, ético e de liberdade na Venezuela.

Percebe-se, entretanto, uma reação da maioria que está deixando de ser silenciosa, nas redes sociais e na mídia em geral. Não tomado partido, mas defendendo a verdade e vendo a situação com seus lados positivos e negativos.

Barros Miranda*

A falta de ídolos no esporte

A discussão sobre a falta de ídolos no esporte brasileiro vai além da simples ausência de grandes talentos. O Brasil continua revelando atletas competitivos e vencedores, mas a construção de ídolos — figuras que transcendem resultados e se tornam símbolos coletivos — parece cada vez mais rara. Esse fenômeno está ligado a mudanças culturais, midiáticas e até sociais que transformaram a relação entre o público, o esporte e seus protagonistas.

Durante décadas, ídolos como Pelé, Ayrton Senna, Zico ou Hortência representaram muito mais do que conquistas esportivas. Eles simbolizavam esperança, identidade nacional e superação em um país marcado por desigualdades. Suas trajetórias eram acompanhadas com admiração quase unânime, em uma época em que a exposição era limitada e a narrativa heroica prevalecia. Hoje, porém, o excesso de informação e a hiperexposição nas redes sociais tornaram os atletas mais acessíveis, mas também mais vulneráveis a críticas constantes, julgamentos precipitados e cancelamentos.

O imediatismo do esporte moderno contribui para a dificuldade de consolidação de ídolos. Jovens atletas são elevados a esse status precocemente, sem tempo para amadurecer, e

logo são substituídos quando os resultados não aparecem. A pressão excessiva por vitórias e performances perfeitas impede a construção de narrativas duradouras, essenciais para a idolatria. O erro, que faz parte do processo esportivo, passou a ser tratado como fracasso definitivo.

Outro ponto relevante é a mercantilização do esporte. Atletas são constantemente associados a marcas, contratos e estratégias de marketing, o que muitas vezes afasta o público. A sensação de espontaneidade e autenticidade se perde em meio a discursos ensaiados e imagens cuidadosamente produzidas. O ídolo deixa de parecer alguém “como nós” e passa a ser visto apenas como um produto.

Por fim, é preciso reconhecer que a própria sociedade brasileira vive uma crise de referências. Em um ambiente de polarização, desconfiança e críticas constantes, tornou-se difícil sustentar figuras amplamente admiradas. Talvez não faltem ídolos em potencial, mas sim disposição coletiva para construir-los e preservá-los. Resgatar essa relação exige tempo, empatia e a compreensão de que ídolos são humanos — falhos, complexos e, justamente por isso, inspiradores.

*Jornalista e Historiador

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BRASIL REGULARIZA A PROFISSÃO DE FARMACÊUTICO

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de janeiro de 1931 foram: Derrotado na moção de confiança, a equipe de Steeg pediu demissão do ministério

francês. Epidemia de gripe se alastrou pela Europa. Governo publica decreto que regulariza a profissão de farmacêutico no Brasil.

HÁ 75 ANOS: SENADO FAZ SESSÃO SECRETA PARA DEBATER O ABONO DO SERVIDOR PÚBLICO

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de janeiro de 1951 foram: Próxima Assembleia-Geral da ONU deve ser em Paris e um dos temas a serem debatidos será a deuição dos Estados Unidos contra a China Comunista, pela intromis-

são na Guerra da Coreia, alarmando ainda mais o conflito. Voltam-se as negociações para a Alemanha Ocidental entrar no Pacto do Atlântico. Senado realiza sessão secreta para debater o Abono de Natal do funcionalismo público.

EDITORIAL

Formação médica em xeque

Os resultados do ENAMED 2025 lançam um alerta urgente sobre a qualidade da formação médica no Brasil. Nas regiões de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Bauru, cursos de Medicina apresentaram desempenho abaixo do esperado, registrando as notas mais baixas na avaliação nacional. Esse diagnóstico não pode ser visto como mera estatística, pois reflete problemas que vão muito além das salas de aula. O desempenho insatisfatório sugere que parte dos futuros médicos ainda não dominam plenamente as competências essenciais para exercer a profissão com segurança, técnica e responsabilidade social.

A formação médica inadequada tem consequências diretas sobre a população. Cada profissional mal preparado que chega aos hospitais, postos de saúde ou consultórios aumenta o risco de erros, compromete a qualidade do atendimento e, em última instância, afeta vidas. Em regiões que já enfrentam desafios estruturais e limitações de recursos no sistema público de saúde, a presença de médicos com lacunas na formação agrava ainda mais os problemas. Avaliações nacionais, como o ENAMED, são um termômetro importante, mas não podem ser interpretadas apenas como números ou rankings; elas refletem a capacidade real das instituições de formar profissionais aptos a atender a sociedade.

As sanções previstas pelo Ministério da Educação, que incluem a redução de vagas ou a suspensão de novos ingressos em cursos com

baixo desempenho, são necessárias, mas não suficientes. É fundamental que essas medidas sejam acompanhadas de ações concretas, como investimentos em infraestrutura acadêmica, capacitação contínua dos docentes, supervisão pedagógica eficaz e acompanhamento mais próximo do desempenho dos estudantes. Apenas assim será possível transformar resultados insatisfatórios em melhorias concretas na formação médica.

Mais do que corrigir rumos institucionais, os dados do ENAMED exigem uma reflexão mais profunda sobre o tipo de médico que a sociedade deseja formar. Queremos profissionais preocupados apenas em passar em exames ou médicos capazes de atuar com ética, empatia e competência em contextos complexos de saúde? A resposta a essa pergunta vai muito além do ambiente acadêmico. Ela determina não apenas o futuro das escolas médicas, mas a qualidade do atendimento e da vida de milhões de brasileiros que dependem de um sistema de saúde público eficiente e confiável.

É hora de transformar alertas em ações concretas. O momento exige compromisso, investimento e planejamento estratégico, para que a formação médica no país alcance excelência e esteja verdadeiramente alinhada às necessidades da população. Apenas com esse compromisso será possível garantir que os médicos de amanhã estejam preparados para enfrentar os desafios do presente e do futuro, e que a saúde da sociedade seja tratada com a seriedade e a competência que merece.

Opinião do leitor

Calor carioca

É mais fácil se refugiar da espiral do ar glacial vinda do polo do que do calor carioca. Como as pessoas estão conseguindo sobreviver as altas temperaturas...

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:

Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.